

SER VELHO ENTRE GREGOS¹

Henrique Cairus
FL - UFRJ

Basta que nos distanciemos de um lugar para que sua cultura se torne um único bloco, uniforme e constante. Mesmo quando viajamos dizemos como são as coisas no lugar de onde somos; se estamos fora do Brasil, o Brasil é um monobloco étnico e comportamental, enquanto o mundo é muito diverso; se estamos fora de nosso Estado, o nosso Estado é esse bloco, e o Brasil é múltiplo. E com muita autoridade dizemos como são e agem os ingleses, os franceses, os alemães e até mesmo os americanos, que já não são mais tão distantes assim.

A uniformidade que a distância engendra resulta na estreiteza com a qual nos deparamos ao lermos textos onde a cultura é depreendida exclusivamente da arte, como se um artista não pudesse negar a sua própria cultura e produzir algo que nem ela aceite. Não citarei exemplos. Todos os conhecem bem.

O que dizer então dos gregos; dessa remota cultura distante no tempo para além do próprio Cristo? Naturalmente, há, implicitamente a essa questão, outras, como o conceito de arte e suas especificidades na cultura grega. Mas deixemos um tanto de lado esse grande problema, e pensemos naquela longínqua Grécia, nosso berço, talhado em ouro há não muito tempo. Não devemos esperar lá uma univocidade de expressões acerca da velhice e envelhecimento. Ao contrário, deve-se esperar que a polifonia do intelecto que caracteriza a riqueza do pensamento grego ressoe da tensão, qual o arco e a lira de Heráclito.

Começemos por Homero, o mais antigo dos autores literários do Ocidente, ainda que se possa dizer que a sua literatura não coincida aqui e ali com o moderno conceito de literariedade.

Homero é o nome que chancela dois poemas fundadores de nossa literatura ocidental, a *Ilíada* e a *Odisséia*, e sob esse nome por vezes pesa o limite redutor da

¹ Apresentado na II Jornada de Psicanálise com velhos e suas interseções, 2000, Rio de Janeiro, e publicado nos Anais do evento: II Jornada de Psicanálise com Velhos e suas interseções. Rio de Janeiro : Lidador, 2000. v. 1. p. 49-58.

unidade. Não creio que possamos encontrar nos poemas homéricos uma postura uniforme quanto à velhice. Um dos primeiros representantes da senectude que contemplamos na *Iliada* é Nestor, um honorável guerreiro da geração de Teseu, um testemunho vivo do mito, um elo entre dois ciclos da mitologia grega e detentor de valiosas informações assimiladas no passado e sedimentadas pelo tempo. Essas características lhe conferem sobretudo autoridade.

A autoridade de Nestor não provém, entretanto, da velhice; ainda que fosse preciso ser velho para ostentá-la. Seu poder era de forma pertinaz reiterado pela evocação de um passado glorioso. O uso de verbos como *éido*, "eu vi", mostra-nos o valor do testemunho ocular. O velho Nestor pode falar porque viu. E viu Teseu e outros célebres heróis, mas nunca verá novamente alguém como eles. Diz Nestor aos Aqueus no primeiro canto da *Iliada*:

οὐ γάρ πω τοίους ἴδον ἀνέρας οὐδὲ ἴδωμαι,
οἷον Πειρίθοόν τε Δρύαντά τε ποιμένα λαῶν
Καινέα τ' Ἐξάδιόν τε καὶ ἀντίθεον Πολύφημον
Θησέα τ' Αἰγείδην, ἐπιείκελον ἀθανάτοισιν·
κάρτιστοι δὴ κείνοι ἐπιχθονίων τράφεν ἀνδρῶν·
κάρτιστοι μὲν ἔσαν καὶ καρτίστοις ἐμάχοντο
φηρσὶν ὄρεσκῶοισι καὶ ἐκπάγλως ἀπόλεσσαν.
καὶ μὲν τοῖσιν ἐγὼ μεθομίλεον ἐκ Πύλου ἔλθων
τηλόθεν ἐξ ἀπίης γαίης· καλέσαντο γὰρ αὐτοί·
καὶ μαχόμεν κατ' ἐμ' αὐτὸν ἐγὼ· κείνοισι δ' ἂν οὐ τις
τῶν οἱ νῦν βροτοὶ εἰσὶν ἐπιχθόνιοι μαχέοιτο·
καὶ μὲν μευ βουλέων ξύνιεν πείθοντό τε μύθῳ·
ἀλλὰ πίθεσθε καὶ ὑμεῖς, ἐπεὶ πείθεσθαι ἄμεινον·

Eu não vi mais – e nem mais verei – homens
tais como Pirítoos; Diras, o pastor de povos;
Ceneu; Exádio; o divino Polifemo ou
Teseu, filho de Egeu, semelhante aos imortais.
Aqueles, sim, foram os homens mais fortes dentre os que pisaram a terra;
mais fortes eram, e como tais lutavam
contra as Bestas Alpinas², terrivelmente a guerrear.
Para estar entre eles, vim de longe, vim de Pilos,
daquela distante terra; pois eles me chamaram.
E eu lutava sozinho. Contra aqueles, nenhum
hodierno mortal dos que pisam a terra poderia lutar.

² Os centauros.

E quando eu aconselhava, eles refletiam e seguiam as minhas palavras.
Ouvi-as, pois, também vós; porque o melhor é ouvi-las.

(*Il.I,262-74*)

Desse excerto do discurso do velho Nestor, tomaremos três aspectos. Primeiramente, Nestor demarca seu lugar em outra geração, em uma geração insuperável pela atual. Ele pertence à insuperável geração do distante Teseu, e nunca mais verá homens como os de seu tempo. Não se pode deixar de notar aqui que, nesse momento, o seu tempo era o dos melhores, e não o do presente sem brilho daqueles a quem os gregos aprenderam a chamar de antepassados heróicos. Nestor os viu; e sabe que nenhum dos de agora poderia embater-se contra aqueles. Eles eram muito melhores; a sua geração era muito melhor. E ele viu tudo isso, e ele – somente ele – pode comparar. Nestor é um homem do passado, mas de um passado que traspassou o aurífero filtro da memória e que se mostra em seu puro esplendor, e faz um Teseu melhor do que um Aquiles. A cultura grega soube dar às palavras de Nestor o devido crédito, e, sem deixar de cultuar Teseu, não deixou de cultuar Aquiles.

O segundo ponto a ser compreendido dessa fala de Nestor diz respeito ao seu próprio valor. Ele não apenas viu os ínclitos heróis, mas também lutou ao lado deles. "Chamaram-me", disse o rei de Pilos, "e eu vim de longe". Portanto, agora Nestor deixa de ser uma testemunha ocular, e o verbo "ver" cede espaço ao verbo "lutar": "e eu lutava sozinho", isto é, sem a orientação deles. Nesse momento Nestor reivindica seu lugar de ator no passado. É o segundo pilar de sua autoridade, enquanto o primeiro é a experiência testemunhal.

Nestor viu os grandes heróis que dele merecem epítetos que o próprio poema homérico atribui aos seus protagonistas, mas esteve também ao lado – e não atrás – deles.

Finalmente, o último e mais forte pilar de sua autoridade senil, a força de sua palavra. Nestor introduz a conclusão de seu preâmbulo repetindo a condição insuperável dos antigos heróis: "Contra aqueles, nenhum hodierno mortal dos que pisam a terra poderia lutar". E faz isso para concluir que se esses imbatíveis heróis

davam-lhe ouvidos, os do presente, tão inferiores àqueles, não poderiam fazer diferente.

O rei de Pilos, Nestor, depois de vangloriar-se de ter contemplado os grandes guerreiros, lembra que lutou em igualdade com eles, e, finalmente, evoca a ascendência que tinha sobre eles. Não pode ser mais claro que Nestor começa esse breve preâmbulo como um inferior aos grandes heróis e termina por se considerar mesmo superior a eles justo no que agora era a sua única força: a palavra.

Abandonemos a figura de Nestor e de sua áurea senilidade, passemos a outro ponto de nosso vasto tema, a figura do velho místico.

O velho adivinho é uma figura fundamental no imaginário grego. Seus dois representantes mais expressivos, Calcante e Tirésias, nunca dizem senão a verdade. Mas seus atributos místicos não são dons de suas senilidades. Ao contrário, a senilidade é uma compensação. O poder de saber para além do tempo é um dom divino que não custa pouco a quem o recebe. O exemplo mais conhecido é o de Cassandra, que, recebendo o poder de dizer a verdade atemporal, perde o direito de ser acreditada. Tirésias perde a visão, é certo, mas é em sua velhice de sete gerações que a literatura vai mostrá-lo águere. Tirésias, porquanto sobrenaturalmente macróbio, não é imortal. E é no Hades que Ulisses vai encontrá-lo para a sua conhecida consulta. Costuma-se, de resto, comparar esse esforço de Ulisses com a descrença de Édipo no vaticínio do Cego, geralmente para mostrar como a tragédia é descrente se confrontada com a épica. Não adentrarei por essa vereda, mas não há como não dizer que sempre, em Édipo, em Homero ou alhures, Tirésias sempre diz a verdade. A verdade, mais do que a profecia, parece estar ligada a sua velhice, como estará ligada a velhice de Édipo, que nem por isso pode ser dito adivinho.

Mántis kakôn, adivinho de males, é como Agamemnon se refere a Calcante na *Ilíada* (I,106). A discussão ou a dúvida acerca da situação de Calcante é uma questão nossa, não da *Ilíada*. Oráculo ou adivinho, Calcante é também um velho. Mas ao contrário de Nestor, investido de seu poder real, Calcante é frágil e tem medo de apanhar se disser a sua ofensiva verdade. Aquiles lhe serve de escudo e mesmo de espada, se preciso for. Diz então o que sabe o velho: a razão da peste, a insolência de Agamemnon e tudo que o Atrida chamou de "males". Ali estão, na

mesma obra, no mesmo canto do mesmo poema, os velhos Nestor e Calcante, tão diversos. Une-os, contudo, a venerabilidade das palavras. Calcante conhece, de fato, o presente, o passado e o futuro (I,70), mas quando ele discursa, o poeta introduz sua fala com *eû fronéon*, expressão de difícil tradução, mas que representa bem tudo o que pode lhe ser percebido como benefício da velhice: "mui sensatamente"³. A sensatez consistia precisamente em reconhecer suas limitações físicas e, por causa delas, expor seu receio de falar a temerosa verdade. Realmente, ele só diz o que deve depois de obter a proteção de Aquiles. Calcante, assim como Tirésias, não precisa evocar um passado para sustentar a sua autoridade. Sua autoridade provém de sua estirpe divina, e não de experiências bélicas. E mesmo a experiência bélica e os dons divinos não consistiam nos únicos aferidores de autoridade aos velhos. Há também a autoridade do formador.

Esse é o caso de outro velho da épica: Fênix, o preceptor de Aquiles. Fênix foi um dos três personagens que integrou a embaixada, no canto nono da *Ilíada*. E se olharmos mais de perto para a embaixada, veremos ali as figuras de um ardoroso guerreiro, Ájax, que apelará para o espírito belicoso de Aquiles; um artiloso da palavra e da ação, Ulisses, capaz de enganar até mesmo criaturas divinas e cujo dolo foi responsável pela tomada de Tróia, e um velho, Fênix, que ali estava investido de sua autoridade de formador. Nenhum dos três integrantes da embaixada consegue dissuadir Aquiles de manter-se afastado da Guerra.

Foi Nestor quem escolheu os membros da embaixada. E não o fez sem antes forçar Agamemnon a admitir seus erros: "Ah, velho, tu não mentes ao enumerares meus erros" ("Ω γέρον, οὐ τι ψεῦδος ἐμὰς ἄτας κατέλεξας· - IX, 115).

Na embaixada, Ulisses é o primeiro a discursar. Tudo o que mais tarde os gregos chamariam de retórica estava de alguma forma presente naquele discurso. Uma verdadeira arte da argumentação estava latente por entre aquelas palavras que nunca se saberá como puderam permanecer fiéis à métrica do hexâmetro e conservar a riqueza de uma rica e consistente argumentação. Ulisses dominava a palavra, e isso é dito muitas vezes na *Ilíada*, mas a palavra, ainda que munida da inteligência deiforme de um Ulisses, não é suficiente para demover Aquiles de seu

³ Não se pode negligenciar que há quem, não sem razão, prefira entender a expressão por "cordialmente".

propósito de não retornar à Guerra. Por último vem os apelos de Fênix. A estratégia deste consiste em duas frentes argumentativas: uma fundada no sentimento filial: "como poderia eu – diz Fênix – ficar aqui sozinho sem ti, filho querido?" (πῶς ἂν ἔπειτ' ἀπὸ σεῖο, φίλον τέκος, αὖθι λιποίμην - IX, 437). Todo o tipo de apelo sentimental é utilizado. Aquiles é chamado de filho muitas vezes. Fênix recorda sua história e como os dois se aproximaram.

Assim, o velho parte para mesclar ao sentimentalismo sua voz de autoridade. Chega mesmo a empregar o imperativo: "Doma, Aquiles, tua enorme fúria". Sem dúvida, Fênix se aproxima mais do sucesso do que Odisseu.

Fênix estava trilhando um bom caminho: a um assunto do coração, é melhor deixar que fale o coração. O velho comove Aquiles, que começa sua réplica dizendo: "Fênix, meu velho paizinho," A réplica de Aquiles é absolutamente sentimental. Ele pede para Fênix não torturar o seu coração, convida-o calorosamente para pernoitar consigo, manda Pátroclo aprontar-lhe boa cama, mas não cede.

A presença desses três velhos, do lado aqueu e de Príamo, do lado troiano, faz-nos pensar que a figura do velho era, para o universo homérico, cercada de autoridade, mas tal impressão é movida por aquilo que alguns velhos apresentam como características mais suas particulares do que de sua condição. O ideal da bela morte, ou do bem morrer (*tò kalôs thanêin*) predominava na épica. O velho perdeu a chance desse ideal mais valioso do que a própria imortalidade, como é provado pela opção de Aquiles. Um velho é alguém que já deveria ter morrido em combate, e, por isso, sua existência deve ser justificada e sustentada pela palavra.

A polifonia dissonante acerca da velhice que se afigurava na épica toma contornos de divergência entre poetas líricos. Desses, destacamos Mimnermo, Tirteu e o lendário Sólon.

Mimnermo (séc.VII-VI a.C.) entrou para a história da literatura ocidental como vilipendiador da velhice. De fato, no seu fragmento 5W, podemos ler:

ἀλλ' ὀλιγοχρόνιον γίνεται ὥσπερ ὄναρ
ἦβη τιμήεσσα· τὸ δ' ἀργαλέον καὶ ἄμορφον

γῆρας ὑπὲρ κεφαλῆς αὐτίχ' ὑπερκρέμαται,
ἐχθρὸν ὁμῶς καὶ ἄτιμον, ὃ τ' ἄγνωστον τιθεῖ ἄνδρα,
βλάπτει δ' ὀφθαλμούς καὶ νόον ἀμφιχυθέν.
É breve como um sonho e repleta de honra
a juventude; enquanto a terrível e disforme
velhice pende repentinamente sobre nossa cabeça⁴,
odiosa e também desonrada, ela torna irreconhecível o homem,
e fere seus olhos e suas mentes ao envolvê-los.

A oposição entre a juventude e a velhice também é o tema do fragmento 2W, uma bela elegia de oito dísticos, onde se pode ler (9-10):

αὐτὰρ ἐπὴν δὴ τοῦτο τέλος παραμείψεται ὥρης,
αὐτίκα δὴ τεθνάναι βέλτιον ἢ βίος·

Assim que a primavera atinge o seu fim,
é melhor morrer do que continuar vivo.

O cerne do problema da velhice para Mimnermo era a τιμή. A ser um ἄτιμος é preferível estar morto. Por mais que queiramos ver para além do texto uma razão elevada para essa repulsa, não me parece muito razoável que não se parta do princípio de que a idéia da degeneração é assaz penosa para o poeta. Um culto à beleza e à saúde, de fato, um princípio que veio a se cristalizar mais tarde no conceito de *kalokagathía*. Para Mimnermo, nem mesmo o amor pode superar os males da velhice:

τὸ πρὶν ἔων κάλλιστος, ἐπὴν παραμείψεται ὥρη,
οὐδὲ πατήρ παισὶν τίμιος οὔτε φίλος.

Antes formoso, assim que passa a primavera,
nem mesmo um pai é honrado e amado pelos filhos. (3W)

Essa também é a postura de Teógnis de Mégara, poeta do VI séc., para quem, versos como:

ὦ μοι ἐγὼν ἥβης καὶ γήραος οὐλομένοιο,

⁴ Referência à pedra de Tântalo. v. *Héraclès*, 637 ss.

τοῦ μὲν ἐπερχομένου, τῆς δ' ἀπονισομένης.

Da juventude e da velhice que eu lamente, coitado,
de uma a partida, da outra a chegada.

(527-8)

redundam em verdadeiros *carpe diem*. De resto, Teógnis parecia estar bem de acordo com Mimnermo acerca da velhice, mas o poeta de Mégara tinha também outra preocupação: o passado bélico. E se ele mesmo não une seu pensamento sobre a velhice a esse ideal bélico no qual jazia o valor da bela morte, Tirteu o faz.

Tirteu é um poeta que servia a Esparta, embora haja dúvidas acerca de sua ascendência espartana, e é, dentre os vates gregos de obra sobrevivente, o que mais limpidamente canta a bela morte.

Em uma famosa elegia exortativa, Tirteu (10W) canta:

ὦ νέοι, ἀλλὰ μάχεσθε παρ' ἀλλήλοισι μένοντες,
μηδὲ φιλοψυχεῖτ' ἀνδράσι μαρνάμενοι·
τοὺς δὲ παλαιότερους, ὧν οὐκέτι γούνατ' ἐλαφρά,
μὴ καταλείποντες φεύγετε, τοὺς γεραίους.
αἰσχρὸν γὰρ δὴ τοῦτο, μετὰ προμάχοισι πεσόντα
κεῖσθαι πρόσθε νέων ἀνδρα παλαιότερον,
ἤδη λευκὸν ἔχοντα κάρη πολίων τε γένειον,
θυμὸν ἀποπνεῖοντ' ἄλκιμον ἐν κονίηι,

.....

(.....) νέοισι δὲ πάντ' ἐπέοικεν,
ὄφρ' ἐρατῆς ἤβης ἀγλαὸν ἄνθος ἔχηι,
ἀνδράσι μὲν θηητὸς ἰδεῖν, ἐρατὸς δὲ γυναιξὶ
ζωὸς ἑών, καλὸς δ' ἐν προμάχοισι πεσών.

Ó jovens, lutai, permanecendo unidos,
não iniciéis nem fuga vergonhosa nem o medo,
mas na alma, fazei grande e forte o ímpeto,
e, lutando contra outros, não vos apegueis à vida,
não fujais, abandonando os velhos,
cujos joelhos não são mais ágeis.
Pois é vergonhoso que, caindo na vanguarda,
jaza diante dos jovens um homem mais velho
já de cabelos brancos e de branca barba
exalando a preciosa alma em meio à poeira.

.....

(15-24)

(.....) no jovem tudo vai bem,
enquanto possuir a fulgurante flor da juventude; vê-lo,
vivo causa admiração nos homens e amor nas mulheres,
e , morto entre os da vanguarda é belo. (27-30)

Essa passagem, notoriamente inspirada na *Ilíada* (XXII,66-76), mostra-nos que, no universo espartano, a juventude era um valor fundamentado principalmente em seu aspecto pragmático. A guerra, contudo, aferia dignidade aos seus mortos e nobreza aos que deles descendiam.

A idade, por vezes, abandona o seu caráter adjetivo para tomar contornos quantitativos. Sólon, segundo Diógenes Laércio, responde a Mímnemo, na mesma métrica elegíaca, acerca do tempo que esperava viver. Lemos no fragmento 6W de Mímnemo:

αἶ γὰρ ἄτερ νόσων τε καὶ ἀργαλέων μελεδωνέων
ἕξηκονταέτη μοῖρα κίχοι θανάτου

que, sem doenças e dolorosos pensamentos,
aos sessent'anos me chegue a moira fatal.

Enquanto no fragmento 20W de Sólon podem-se contemplar os seguintes versos:

καὶ μεταποίησον Λιγιαστάδη, ὧδε δ' ἄειδε·
“ὀγδωκονταέτη μοῖρα κίχοι θανάτου”.

mudando-o, filho de Lígias, canta-o assim:
"aos oitent'anos me chegue a moira fatal".

Se nos fiarmos na imagem de Sólon refletida na história, seria possível inferir, não sem reservas, que aos sessenta anos um grego podia ser considerado velho, e que não esperava passar muito dos oitenta. Sólon acrescenta ainda que gostaria de que a perda de sua vida de longo fosse amargamente chorada.

Ao menos na literatura, Sólon é uma exceção no concernente às desvantagens da velhice, pois o Poeta de Atenas não se refere às mazelas da condição.

Para dizer algumas palavras sobre a Grécia Clássica, falemos um pouco da sempre tragédia.

A velhice não parece ser uma dádiva na obra do tragediógrafo Sófocles, mas também a idade não excluía alguns benefícios; ao contrário, era-lhes uma das compensações. Assim, a velhice associada à cegueira o dom da certeza de Édipo, como, em Tirésias, é ladeada pela clarividência. Isso ocorre em Édipo, para quem o sofrimento tem uma contrapartida, mas certamente não é o caso de Eurípides. O mais trágico dos poetas bem mereceu tal epíteto. Não há contrapartida para nada que pareça mazelado a Eurípides, inclusive para a senilidade.

Todavia é bom notar que a velhice não é, para os trágicos, um valor que se sustente isoladamente. Boa ou má, a velhice em si é insuficiente para definir a situação de quem nela se insere. Assim, a velhice alia-se à cegueira, ao desterro, à algum dom etc. Um Édipo não poderia ser apenas velho em Colono, assim como um Teseu não poderia ser somente idoso em Clazomenas. A idade, portanto, sublinha valores, e, ao contrário do que se poderia pensar, tonifica, tenciona e mesmo baseia traços até então subjacentes em personagens que nada seriam se fossem apenas velhos, mas sendo velhos, não é exatamente a velhice que os caracteriza.

É justo aqui, quando trato da Grécia Clássica, que se esgota o tempo que foi destinado generosamente à minha fala. Portanto, cabe-me encerrar dizendo algumas poucas palavras sobre o tempo. Por isso evoco a lembrança de uma capela que visitei do Menino Jesus. Não era apenas Jesus que ali estava a ser adorado, mas um tempo da vida de Jesus, a infância. Acima de uma imagem de menino ornada em rica capa, figurava o crucifixo com o Senhor, signo referente à mesma pessoa em outro tempo, embora esses diferentes tempos não se constituam em seqüência. Como na perda da dimensão de profundidade na eternização do real no retrato, assim a eternização na matéria mítica redundava na perda dos contrastes temporais. No mito, a velhice, conseqüência natural de continuar-se vivo, e também a juventude são aspectos diversos de realidades diversas de um único homem já livre do tempo, porque morto, sempre jovem, sempre velho.

